

ASPECTOS PRIMÁRIOS TOPOANALÍTICOS EM A *CEIA DOMINICANA*: *ROMANCE NEOLATINO, DE REINALDO SANTOS NEVES*

Ariel Sessa

Mestrando em Letras – Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO: Este artigo tem como objetivo fazer uma análise dos espaços considerados primários dentro do livro *A ceia dominicana: romance neolatino*, de Reinaldo Santos Neves, com a finalidade de realçá-los enquanto constituidores de sentido e ressignificação pelos leitores comuns. Esta análise contém embasamentos na crítica literária especializada nas nuances do espaço feita por estudiosos como Oziris Borges Filho, Gaston Bachelard, Gisela Pankow, Antonio Dimas, Osman Lins entre outros que em algum momento direcionaram seus estudos à questão espacial em obras literárias. Foram utilizadas também apropriações relacionadas à estética da recepção de Wolfgang Iser. Outros suportes teóricos foram aproveitados para compor este trabalho. Por meio da topoanálise apresentada, espera-se dar ao leitor a ideia da percepção do espaço ficcional como um elemento de extremo valor dentro da literatura, digno de maiores aprofundamentos.

Palavras-chave: Espaço, Topoanálise, Manguinhos.

ABSTRACT: This article aims to analyze those considered primary spaces inside the book *The Dominican Supper: neolatino romance*, Reinaldo Santos Neves, in order to highlight them while constituidores meaning and reframing by ordinary readers. This analysis contains a grounding in literary criticism specializes in the nuances of the space taken by scholars as OZIRIS Borges Filho, Gaston Bachelard, Gisela Pankow, Antonio Dimas, Osman Lins and others that sometime directed their studies to the space issue in literary works. Appropriations related to the aesthetics of reception of Wolfgang Iser were also used. Other theorists supports were utilized to compose this work. Through “topoanálise” presented, is expected to give the reader the idea of perception of the fictional space as an element of extreme value in the literature, worthy of larger penetrations.

Keywords: Space, Topoanálise, Manguinhos.

Entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o espaço pode alcançar estatuto tão importante quantos outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc. (Dimas, 1987, p. 5)

A temática espacial na literatura é, sem dúvida, desvalida da unanimidade do gosto acadêmico por sua pesquisa. Antonio Dimas, em seu livro *Espaço e Romance*, relata a timidez acadêmica nos estudos espaciais em obras literárias, ressaltando um começo de investigações acadêmicas no final do Séc. XX. Recentemente, o professor da UFTM, Dr. Oziris Borges Filho, também menciona em seu livro *Espaço e Literatura: introdução à topoanálise*, de 2007, a condição do tema espaço nos estudos literários, mas ressalta seu crescimento e interesse citando Fredric Jameson, que diz que “o ressurgimento do interesse pelo espaço deve-se a Henri Lefebvre com seu livro *La*

production de l'espace, de 1974.” (BORGES FILHO, 2007, p. 12). Eduardo Marandola Jr.¹ também reforça a tese de que surgiram nos anos 70 as contribuições mais recentes dadas pelos geógrafos humanistas na filosofia do espaço. Há diante deste tema mais estudiosos consagrados que destinaram tempo para o estudo e valor do espaço na arte literária em suas diversas formas, e que não só ressaltaram a valorização deste mote de pesquisa, como trouxeram aos olhos a sua importância e a sua condição fundamental para a recriação mental das referências de mundo nas obras literárias a partir da recepção leitora, ao considerarmos o espaço literário como um signo², assim como o considera a Dra Marisa Martins Gama-Khalil³ ao defender em suas pesquisas a importância na construção de sentidos a partir dos espaços do mundo ficcional baseada numa visão foucaultiana em que constata que “é o espaço que define os signos” (GAMA-KHALIL, 2008, p. 5).

Apropriando-se da luz destes pensadores, é dada permissão a este pesquisador de compor análises literárias pelo aspecto espacial de uma obra literária. Como um desafio maior do que tratar do espaço na literatura em geral, canônica ou até universal, foi escolhida para esta análise uma obra da literatura capixaba: *A ceia dominicana: romance neolatino*, de Reinaldo Santos Neves⁴ (também com tímida pesquisa envolta de seu tema, porém crescente em seu interesse), para um levantamento *a priori* do *topos* que mais se sobressai ao olhar do leitor comum⁵.

Para compor esta breve pesquisa, a filosofia⁶ e a psicologia⁷ foram devidamente consultadas, tendo em vista que nos estudos literários há uma apropriação de tais

¹ Eduardo Marandola Jr. é geógrafo, professor da Faculdade de Ciências Aplicadas e do Instituto de Geociências da Unicamp. Em 2012 organizou com Werther Holzer e Livia de Oliveira o livro *Qual o Espaço do Lugar?* pela Ed. Perspectiva.

² Segundo Jean Chevalier e Alain Cheerbrant, o espaço representa uma ideia-força na estética universal.

³ Professora Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista.

⁴ Reinaldo Santos Neves é nascido em Vitória, graduado em Letras, servidor público e escritor de outras obras, além da obra da pesquisa em questão.

⁵ Entendendo que a literatura é arte, mas vendável, e seu mercado consumidor não se limita à academia e aos leitores especializados, o leitor comum é também um importante consumidor de livros e merece compreender o que lê. A primeira visão do leitor comum quanto ao espaço na literatura está ligada à descrição do lugar em que se passa a história, todavia tal tema é um dos enfoques das pesquisas espaciais e não é desmerecida de estudos acadêmicos. Como uma delimitação de tema, considere este ser um recorte primário da pesquisa, um primeiro enfoque; daí a ideia do título do artigo ao direcionar este estudo aos aspectos primários topoanalíticos.

⁶ A filosofia é aqui inicialmente citada de forma introdutória no que tange ao estudo de problemas existenciais, de conhecimento, de verdade, de valores morais, de valores estéticos, da mente e da linguagem.

⁷ A psicologia também é citada de forma generalizada para se compreender ao longo da pesquisa a subjetividade do comportamento.

vertentes para o levantamento científico da importância da literatura no meio social, no que diz respeito a sua rerepresentação, referência e simbologia. Inicialmente, ao defender a importância do espaço nas obras literárias, questiono: pode haver alguma obra sem espaço? Como a resposta é negativa, pois o espaço se apresenta de diversas formas, o tema em si já se torna passível para os mais variados estudos e pesquisas, pois todo espaço é objeto de reflexão, como bem me apropriou do pensamento do professor Oziris Borges Filho. Assim, a meu ver, torna-se impossível desvincular os estudos do espaço da arte literária ou simplesmente tratá-lo como tema menor, pois mesmo se pensarmos numa representação de um texto teatral, num tablado plano e liso, há nele um espaço imaginário capaz de levar o espectador a mundos distantes, espaços fantásticos antes não concebidos mentalmente ou meramente espaços reportados da vivência para a memória. Na literatura, de semelhante modo, com ausência de figuras e composta somente por letras, ou seja, pela linguagem materializada, ocorre o mesmo processo criativo e imaginativo. Dá-se ao leitor, através das letras, a capacidade daquilo que posso chamar de permissão para a espacialização mental da narrativa. Há, portanto, minimamente, um espaço psicológico inserido na rerepresentação do real (ou na criação do fantástico, em situações em que se analisem literaturas fantásticas e que surjam imagens com meras referências do real). Nestes casos, há amplamente recriação através do campo da memória utilizando-se do espaço vivido, enquanto se estabelece relação entre o sujeito leitor e o objeto mencionado, fato justificado pelos fenomenólogos, que dizem haver psicologismo na procura de antecedentes de uma imagem. Nestes termos, reforço por meio de exemplos a tese dos pesquisadores atuais no ressurgimento do interesse nos estudos acadêmicos quanto ao tema espacial.

Diante da responsabilidade atribuída ao leitor de recriação e ressignificação do espaço, seja ela da descrição espacial da natureza⁸ ou do cenário⁹; ou da situação que o permita reconhecer o ambiente¹⁰ ou a paisagem¹¹; reporto a função do leitor em

⁸ Segundo Oziris Borges Filho a “natureza é o conjunto das coisas que independem do ser humano, do fazer do homem.” (BORGES FILHO, 2007, p. 48).

⁹ Nos estudos espaciais do prof. Oziris, este conceitua cenário como “os espaços criados pelo homem”. (BORGES FILHO, 2007, p. 47).

¹⁰ Segundo o prof. Oziris, o ambiente no seu significado mais cotidiano é o “conjunto de relações entre o mundo natural e o ser vivo” (BORGES FILHO, 2007, p. 49).

¹¹ A paisagem, semelhante ao ambiente está voltada para a subjetivação do olhar. Segundo George Simmel, o conceito de paisagem surgiu tardiamente após o afastamento do sentimento da natureza como algo único.

perceber o espaço por meio da recepção. Na perspectiva da Estética da Recepção¹² atribuída ao leitor, permearei como ocorre o fenômeno da recriação espacial a partir da criação (ou recriação) do espaço pelo autor, da literatura aqui escolhida para ser pesquisada. Tal eco se oriunda, a princípio, na visão do autor, surgindo assim produção de sentido espacial pelo público leitor. Esta recriação com base na leitura autoral não seria possível, na visão da psicologia sem uma interpretação baseada na vivência e, dependendo do momento histórico do leitor e de como este dialoga com o texto, a recriação pode ser considerada uma nova criação de sentidos, numa *mimesis* platônica e aristotélica¹³, e não numa mera reconstrução representativa da visão autoral com a primazia pela fidelidade do espaço narrado, o que reportaria a uma alteridade com relação aos olhos do autor.

No campo filosófico e também na crítica literária encontramos Gaston Bachelard¹⁴ (1884 -1962) como um dos mais fortes representantes dos estudiosos que destinaram suas pesquisas ao campo do espaço. Bachelard sintetiza a topoanálise, aqui pretendida como recorte teórico, como “o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima.” (BACHELARD, 2008, p. 28). Vejo uma abrangência de sentidos no que pode ser um local de uma vida íntima, pois nesta afirmativa, percebe-se que há desde uma referência à espacialidade ambiental¹⁵, à espacialidade do corpo¹⁶, assim como também pode ser percebida uma espacialidade intrínseca do ser, ou seja, meramente psicológica. No entanto, diferentemente da visão da recriação espacial pela vivência, Bachelard salienta que não há a necessidade de se viver algo antes para recriá-la a partir de uma imagem pré-concebida, assim o crítico literário diz: “Não há necessidade de ter vivido os sofrimentos do poeta para compreender a felicidade de palavras oferecida pelo poeta.” (BACHELARD, 2008, p. 14); baseia-se este filósofo, portanto, na simplificação de uma visão tautológica¹⁷ de que a imaginação é uma potência da natureza humana e de que a imaginação é produtora independente de imagens.

¹² A Estética da Recepção surge para tirar o efeito estático da obra, sem interferência do leitor, sendo assim, a recepção estabelece uma relação direta entre o autor, a obra e o leitor.

¹³ A *mimesis* de Platão fala da imitação da natureza pela arte como algo de segundo plano, assim como Aristóteles trata da imitação da ação.

¹⁴ Doutor em Filosofia em 1927, Gaston Bachelard lecionou na Faculdade de Letras de Dijon e Sorbone.

¹⁵ O ambiente, na perspectiva do professor Dr. Oziris Borges Filho, é a soma de um cenário ou da natureza reapresentada, com a adição de um clima psicológico.

¹⁶ A espacialidade do corpo seja ele numa visão estética, exterior vista pelo outro, interior e exterior; também é tratada por Mikhail Bakhtin em seu livro *Estética da criação verbal*.

¹⁷ A tautologia como uma redundância de ideias.

Por espaço dentro da literatura, pode-se, portanto, analisá-lo por diversos aspectos, desde uma mera descrição a uma espacialidade psicológica do personagem, como bem diz Antonio Dimas ao traduzir palavras de Osman Lins: “Isto é: num mesmo romance podemos encontrar as várias modalidades de apresentação espacial, às vezes dispersas ao longo das páginas, às vezes de modo contíguo, quando não mesclados.” (DIMAS, 1987, p. 32). Na obra escolhida para esta análise: *A ceia dominicana: romance neolatino*, de Reinaldo Santos Neves, o recorte a ser feito, como já dito, é da espacialidade através de aspectos primários da topoanálise¹⁸ da paisagem, do cenário e da ambientação que se passa no ficcional bairro litorâneo Manguinhos, no município de Serra, Espírito Santo; e a sua interferência na composição da obra, dentro da perspectiva de que o espaço escolhido pelo autor tem a característica da transformação da ação dos personagens. Hipoteticamente posso afirmar que não é qualquer lugar que esta história poderia se passar, tendo em vista tratar-se de um livro, mesmo sendo contemporâneo, mas com referências marcantes do Realismo, pela recriação do *locus*¹⁹ capixaba; do Realismo Fantástico, ao inserir de forma dúbia mitos e folclores no espaço escolhido; do Naturalismo, pelas descrições paisagísticas da praia de Manguinhos; e também com referências intertextuais do gênero Clássico, como a inspiração direta através das aventuras ocorridas nas praias em *Satiricon*, de Petrônio, livro escrito no ano 1 d.C. Na junção destes elementos, nota-se como Reinaldo Santos Neves se utilizou do espaço ficcionalizado para a transformação do personagem principal: Graciano Daemon.

Não será analisada neste artigo a condição do corpo como espaço, por mais interessante que este recorte seja representativo nos estudos espaciais e o livro o traga de forma dúbia para entreter o leitor: “Graciano à beira da falésia entreguei-me à paixão platônica de comer com os olhos a beleza natural da paisagem” (NEVES, 2008, p. 33). Neste caso a beleza natural citada pode ser uma mulher contemplada ou a própria praia de Manguinhos. Da mesma forma, não será analisada a condição do personagem como espaço, temas propostos por Mikhail Bakhtin, em seu livro: *Estética da Criação Verbal*; e por Maurice Blanchot, em seu livro: *O espaço literário*; respectivamente. Tais aprofundamentos não se encaixam na escolha do recorte temático para compor este trabalho, tendo em vista a maior complexidade filosófica, requerendo outro trabalho

¹⁸ Para o professor Oziris Borges Filho, “a primeira tarefa de uma topoanálise é o levantamento dos espaços do texto...” (BORGES FILHO, 2007, p. 44).

¹⁹ *Locus*, em latim, significa lugar. Tal uso foi escolhido justamente pela menção posterior à intertextualidade da obra de Reinaldo Santos Neves com base na obra de Petrônio, *Satiricon*.

para melhor abordar o tema, e na intenção deste autor em compor um trabalho que aborde os aspectos primários da espacialidade literária.

Vale ressaltar nesta análise a condição de capixaba nato de Reinaldo Santos Neves e a sua visão do espaço capixaba recriado na sua obra. Assim como o autor, que frisa em sua literatura a magia²⁰ do espaço Manguinhos e a sua capacidade de transformação de quem nele transita. Na obra, esta transformação é chamada pela figura lendária local, incorporada à obra, Dona Sé, de espaço da viração:

Antes de me despedir, perguntei: E o que a senhora me diz de Manguinhos? Disse ela: Manguinhos é um lugar onde o que tem de acontecer acontece. É lugar mágico, cheio de maravilha, fantasia, sombração, milagre, viração de uma coisa pra outra. Intrigado, perguntei: Como assim, viração de uma coisa pra outra? Ora, moço, disse ela, não sabe não? O que hoje é bicho amanhã virou gente, o que hoje é gente amanhã virou bicho: viração de uma coisa pra outra. Tem uma fonte aí por dentro desses matos, mulher que bebe água dessa fonte vira homem, e homem vira mulher. E tem mais: tem pedra que sangra, vento que fura cabaço, mula que dá cria e até bacurau mamador de mulher, que já mamou em mim quando eu era novinha. Tem até capim que não é capim, é cabelo de moça que mataram e enterraram no campo e que canta pelos cotovelos quando o vento dá. O senhor vai ver. Três dias em Manguinhos e vai ver coisa de não esquecer nunca mais. Perguntei: E quem está doente, o que acontece se ficar aqui? Quem está são fica doente, quem está doente fica são. Ninguém passa por Manguinhos que Manguinhos não muda pra diferente do que era. (NEVES, 2008, p. 24).

Percebe-se na fala da personagem que pode haver certo eufemismo no tratamento desta magia de Manguinhos. O dito pela Dona Sé não pode ser considerado uma visão geral de que todos os personagens envolvidos estão diante de uma referência fantástica dentro da obra. Ao que parece, mais é uma forma poética de chamar o local de especial ou simplesmente trazer uma referência do pensamento do nativo de Manguinhos, que acredita nos mitos e folclores locais, sem qualquer comprovação que não seja apenas o *achismo*²¹ e a falta de conhecimento científico. Todavia, o mais importante é a funcionalidade deste espaço na transformação de quem nele passa.

Ao se considerar a visão do nativo de Manguinhos como um local cheio de “sombração” (sic), acredita-se que tal referência foi utilizada pelo autor para compor o espaço ficcional. Em pesquisa de campo realizada no espaço real Manguinhos nos meses de setembro e outubro de 2013, com intenção de relacionar as referencialidades utilizadas para a composição de *A ceia dominicana*, percebeu-se que não há

²⁰ A magia aqui é mencionada de forma figurativa, pois *A ceia dominicana* não pode ser considerada exatamente uma obra de realismo fantástico.

²¹ Gíria já encontrada em alguns dicionários como substantivo masculino abstrato, significando as ideias do senso comum.

unanimidade no meio dos nativos em relação aos mitos e folclores locais. No entanto, em relação ao grupo de pescadores da vila, a fantasia é mantida, seja ela pelo consumo do álcool pelos homens do mar, seja ela pela perpetuação da fantasia que envolve as histórias de pescadores e que faz manter vivo o folclore de um lugar mágico, no sentido de produzir um efeito de mistério. A visão de sereias é mantida por muitos pescadores locais, mas não há um relato muito conciso em relação a esta referência. Um fato interessante coletado é a história do pescador Paulinho, que alegou aos moradores de Manguinhos que uma sereia quase o levou²² e por conta disto ele nunca mais pescou. Tal história é interessante para compor uma das justificativas de que Manguinhos é um lugar de viração e de transformação, porém é de se observar a fala de Osman Lins no cap. IV: Espaço Romanesco, de seu livro: *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*: “Note-se ainda que o estudo do tempo ou do espaço num romance, antes de mais nada, atém-se a esse universo romanesco e não ao mundo.” (LINS, 1976, p. 64) . Diante desta perspectiva, é crível que o autor tenha também se apoderado de tais fatos fantasiosos locais para compor o espaço ficcional também fantástico.

Por um golpe de sorte, os pescadores de Manguinhos pescaram hoje de manhã um peixe muito raro, raríssimo, que todos eles juram de pés juntos que nunca viram coisa igual: na verdade não é peixe, é um mamífero, porque tem tetas que nem mulher. Em outras palavras, é uma SEREIA, que, graças a Nossa Senhora da Penha, vamos ter o privilégio e o prazer de consumir como prato-chefe do nosso jantar. Um murmurinho tomou conta da mesa: Dizia um: Uma sereia? Dizia outrem: Uma sereia! E o terceiro: Uma sereia?! O cidadão, então: Uma sereia, sim, senhores. (NEVES, 2008, p. 466)

A percepção leitora da paisagem natural descrita de Manguinhos em *A ceia dominicana* poderia ser considerada como a verossimilhança de qualquer vila de pescadores ou de qualquer bairro litorâneo, mas o que torna o espaço escolhido para ser reapresentado é justamente a sua significação enquanto uma vila de pescadores composta de folclores e supertições, portanto em sua ambientação²³. Reinaldo Santos Neves não escolheu qualquer lugar para contar a história de Graciano Daemon. Em uma entrevista gravada dada à página de internet *Tertúlia: Livros e Autores do Espírito Santo*, o escritor ressalta as condições que o levaram a eleger Manguinhos como o espaço de inspiração para seu livro: a primeira é a sua vivência e conhecimento do local desde a infância, a outra é a condição do local enquanto uma “praia presépio”, em suma,

²² Na história ouvida no espaço real Manguinhos o verbo levar tem conotação de morte, portanto a sereia quase levou o pescador para a morte.

²³ O ambiente é definido por Oziris Borges Filho como “a soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico.” (BORGES FILHO, 2007, p. 50).

um lugar com uma energia especial. Assim, a primeira percepção do local pelo autor, traduzida para a ficção, foi realizada pela sua condição pessoal de ter vivido aquele lugar, todavia, para a composição do espaço ficcional, não somente a vivência no espaço Manguinhos foi capaz de transubstanciar o local em uma praia fictícia, mas com a contribuição da imaginação, mantendo-se elementos referenciais do real, recriando e ressignificando o espaço no âmbito ficcional. Nesta perspectiva Wolfgang Iser afirma que:

En las ficciones literarias los mundos que existen se ven sobrepasados y, aunque todavía son individualmente reconocibles, su disposición contextual les hace perder el aire de familiaridad. De ahí que tanto la mentira como la literatura siempre contengan dos mundos: la mentira incorpora la verdad y el propósito por el que la verdad debe quedar oculta; las ficciones literarias incorporan una realidad identificable, y la someten a una remodelación imprevisible. Y así cuando describimos la ficcionalización como un acto de transgresión, debemos tener en cuenta que la realidad que se ha visto sobrepasada no se deja atrás; permanece presente, y con ello dota a la ficción de una dualidad que puede ser explorada con propósitos distintos. (ISER, 1997, p. 44).

Ainda nas pesquisas de campo realizadas entre os meses de setembro e outubro de 2013 na praia de Manguinhos, observou-se que os nativos, os moradores adotados pelo lugar e os passantes reconheceram que local é especial e capaz de transformar a vida de uma pessoa que nele passa, assim como ocorreu com Graciano Daemon na ficção da literatura de Reinaldo. Basicamente as respostas foram voltadas para a alegria de se viver e o prazer de estar em Manguinhos. As transformações estão ligadas a uma mudança de um estado de espírito para melhor, numa verdadeira topofilia²⁴.

Diante deste aspecto de transformação, a obra não contradiz os resultados das pesquisas de campo. O personagem Graciano Daemon entra em Manguinhos envolto de uma amargura pessoal calcada no machismo, julgando-se uma alma adoentada após desconfiar em sua noite de núpcias de que a recém-esposa não era mais virgem, como relata o personagem em sua fala: “E eu trazia enferma a alma e precisava de um bom lugar onde, idôneo, pudesse, e aprazível, melhor cuidar, e circunscrito, de sua saúde.” (NEVES, 2008, p. 21). Nota-se que a escolha do lugar na obra de Reinaldo, embora parecesse uma escolha ao léu, não foi tão aleatória pelo personagem, pois ele declara necessitar de um “bom lugar” e não de qualquer lugar para se curar. Na teoria literária, Osman Lins nos diz que uma das funções do espaço na literatura é também de influência sobre o personagem: “Se há espaço que nos fala sobre a personagem, há

²⁴ Segundo Bachelard a topofilia é o espaço louvado, o espaço feliz.

também o que lhe fala, o que a influencia.” (LINS, 1976, p. 99). Aqui o *feeling* da pesquisa já se apresenta eficiente, porém não conclusivo por considerarmos o tema mais extenso, ao sugerir que o *topos* escolhido para a obra não pode ser desvalido de sentidos e concomitantemente é um agente propulsor de ações.

Na ficção de Reinaldo, a “viração” anunciada como para todos aqueles que passavam por aquele lugar, não se limitou como exemplo na narrativa somente ao personagem principal. Átis, antes Átila Brás Rubim, conta a Graciano a sua transformação ocorrida em Manguinhos:

E foi ali mesmo em Manguinhos. Manguinhos é um lugar mágico, cheio de energia. Como um novo Adão, renasceu do barro. Escolheu um trecho de estrada, um lamaçal: chovera sem parar a semana inteira. Foi à noite, e foi lindo. Acendeu velas, treze velas, no lamaçal, em torno do berço de seu renascimento. Despiu-se todo das roupas que usava como Átila e deitou-se na lama. Amigos com pás cobriram-no de barro, cobriram-no totalmente, e ali ficou ele, sepulto em seu jazigo, durante uma hora, enquanto os amigos entoavam mantras. Dali se ergueu, então, renascido e purificado. (NEVES, 2008, p. 163).

Outro aspecto interessante da obra de Reinaldo Santos Neves é o encontro do personagem com o local de forma não premeditada, porém logo ao chegar, Graciano percebe algo de especial no lugar, sem, contudo, defini-lo ou limitá-lo: “vim pra Manguinhos foi porque senti que precisava mais que tudo arejar a cabeça num lugar como este.” (NEVES, 2008, p. 31). A ida de Graciano Daemon a Manguinhos é para o personagem o encontro a um labirinto²⁵. Ao perpassar por uma trama²⁶ composta por diversas aventuras satíricas²⁷, divididas na obra de Neves como rapsódias²⁸. Graciano Daemon finaliza o espaço temporal da história transformado pelo local, mudando vários de seus conceitos tão comuns ao homem moderno, no que tange aos aspectos do preconceito, do amor, da entrega do corpo, do excesso de confiança e da masculinidade contemporânea oriunda da herança judaico-cristã²⁹, esta em contraposição à relação homoerótica³⁰ ocorrida entre Daemon e Átis. Graciano, no decorrer das páginas de A

²⁵ Para Jean Chevalier e Alain Cheerbrant o labirinto também pode ser visto como uma condução do homem a sim mesmo, como ocorreu com Graciano Daemon em *A ceia dominicana*.

²⁶ Antonio Dimas diz que “quanto à trama, deve-se entendê-la como a ordem de aparição daqueles acontecimentos dentro da obra, a disposição formal que lhe deu o escritor, que não haverá de respeitar necessariamente a sequência cronológica” (DIMAS, 1987, p. 34).

²⁷ Referência direta ao livro *Satiricon*, de Petronio.

²⁸ As rapsódias são episódios de um poema homérico. Em *A ceia dominicana*, as rapsódias aparecem como símbolo de variação de temas para justificar as várias aventuras satíricas de Graciano Daemon.

²⁹ A referência judaico-cristã contemporânea está na *Bíblia* em Gênesis 19:5-7, Levítico 18:22, Levítico 20:13, Juízes 19:22-23, Romanos 1:21-31, Romanos 1:26-28 e 1 Coríntios 6:9-10.

³⁰ Pela intertextualidade do clássico romano *Satiricon*, a relação homoerótica aparece no livro compondo, junto ao espaço que a propiciou, a transformação do personagem principal.

ceia dominicana, perde-se em conceitos e pré-conceitos no labirinto de Manguinhos. Experimenta o novo e o inusitado. Encontra lendas e folclores que estão fora do seu meio acadêmico baseado em experiências científicas. Ao entrar neste espaço, o personagem sai da sua zona de conforto e, em meio às aventuras satíricas, encontra no mal-estar o seu verdadeiro bem-estar, o amor – o alimento da alma. Bachelard traduz esta ideia da perda do bem-estar com a expulsão de casa, assim, um personagem em circunstância de estar fora do seu meio é posto diante da hostilidade dos homens e da hostilidade do universo. Graciano foi posto diante desta hostilidade, todavia, encontrou-se neste labirinto. Neste contexto em que o espaço é capaz de dar um novo sentido ao ser, Gisela Pankow³¹ afirma: “É a dinâmica ‘oculta no espaço’ que dá um sentido ao absurdo.” (PANKOW, 1988, p.55). Quanto à recepção do leitor à visão do personagem na recriação imagética, Bachelard diz:

“O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.” (BACHELARD, 2008, p. 19).

A paisagem de Manguinhos descrita na obra de Reinaldo Santos Neves é por vezes marcada pelo aspecto natural aparentemente intocado, sendo a natureza entendida pelo prof. Ozíris Borges Filho como um espaço não construído pelo homem; por vezes o espaço, mesmo natural, é marcado por traços culturais, através da modificação do homem, o que Borges Filho trata como cenário em sua descrição e ambiente em sua percepção, dizendo que estes são “espaços criados pelo homem. Geralmente, são os espaços onde o ser humano vive. Através de sua cultura, o homem modifica o espaço e o constrói a sua imagem e semelhança.” (BORGES FILHO, 2007, p. 47). Nas aventuras que se passam na praia de Manguinhos, local ressignificado por Reinaldo Santos Neves na história que se passa em 1979, o espaço já está modificado pelos costumes locais, assim numa pequena descrição do local nas páginas iniciais do livro, dá-se na paisagem a mescla de elementos naturais e culturais:

Subindo de carro o morro da igreja, desci à rodovia, que atravesssei, e galguei uma ladeira de barro seco e desbotado; lá em cima achei-me na palma da mão de um planaltinho. Da primeira casa à direita parei junto à cancela e saí do carro. Sem dizer água vai, assaltou-me os olhos a vista do mar. De onde eu estava, sem visão nem da praia nem da rodovia, mas só do líquido elemento, a impressão era que o mar vinha babar de saliva o pé da falésia. Lá longe,

³¹ A Doutora Gisele Pankow é, desde 1971, professora da Universidade de Paris, tendo lecionado em diversos outros países, como: Alemanha, Estados Unidos, Austrália, Canadá e Tunísia.

sobressaindo entre as ondas, um barco de pesca acenava o lenço de sua vela branca. (NEVES, 2008, p. 25).

No pequeno trecho retirado do livro de Reinaldo Santos Neves temos os exemplos da observação do personagem principal, portanto uma visão paisagística e ambientalista, ao mesmo tempo, da natureza e do cenário, respectivamente. Graciano descreve a natureza citando o morro, a ladeira (de barro seco e desbotado), o planaltinho, o mar (também descrito como o líquido elemento e indiretamente pela menção às ondas), e a falésia. Enquanto cenário, é descrito pelo personagem através de sua visão que tanto pode torná-lo como ambiente ou paisagem: o carro, a igreja, a rodovia, a casa à direita, a cancela, o barco de pesca e a sua vela branca. Segundo o professor Oziris Borges Filho, haverá paisagem quando ocorrer extensão, vivência e fruição; tanto no cenário quanto na natureza, assim como destaca que não há um olhar de neutralidade, o que determinará se haverá paisagem tanto no cenário quanto na natureza será a vivência do personagem ou a determinação do narrador que irá prescrever qual a conceituação do espaço narrado.

O mar e a praia são elementos recorrentes em *A ceia dominicana*: “Mas eis aí ninguém a não ser eu. Sim, era eu só no largo lar da praia; eu e o mar.” (NEVES, 2008, p. 71). Estes elementos não são exclusivos deste espaço ficcional, porém a percepção da praia de Manguinhos e o seu mar são os recortes do olhar humano sobre o nexos infinito da natureza, neste caso paisagem, como bem entende Georg Simmel quando diz que não existe natureza fragmentada, a visão da praia e do mar de Manguinhos é uma apresentação paisagística da natureza.

Mas, para a paisagem, é justamente essencial a demarcação, o ser-abarcada num horizonte momentâneo ou duradouro; a sua base material ou os seus fragmentos singulares podem, sem mais, surgir como natureza – mas, apresentada como “paisagem” (...) Ver como uma parcela de chão com o que ele comporta significa então, por seu turno, considerar um excerto da natureza como unidade – o que se afasta inteiramente do conceito de natureza. (SIMMEL, 2009, p. 6).

A constante menção do mar nos reporta para a sua imensidão. Na obra, a simbologia do mar e a sua vastidão refletem uma repercussão à intensidade íntima, segundo Bachelard: “Vasto³² é uma das palavras mais baudelairianas, a palavra que, para o poeta, marca mais naturalmente a infinidade do espaço íntimo.” (BACHELARD, 2008, p. 197). O mar é também no livro um elemento sagrado para os personagens que

³² Gaston Bachelard diz que para Baudelaire “a palavra vasto é um verdadeiro argumento metafísico que une o vasto mundo e os vastos pensamentos.” (BACHELARD, 2008, p. 197).

vivem em Manguinhos e pode ser visto como uma representação simbólica da busca espiritual do personagem e também a recomposição da vida, não sendo lícito profaná-lo. O dicionário dos Símbolos cita o mar como “lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 592). A visão do mar pelo personagem dá margem ao leitor para interpretá-lo pluralmente, todavia os elementos que compõem o mar podem levar o leitor a recriar o mar de Manguinhos próximo à visão do escritor. O mar é vida para o pescador, nele se traz o peixe e o sustento. A vida é o elemento abstrato sagrado do ser humano. Nesta analogia, portanto, o mar causa efeito de sentido como um espaço sagrado para uma vila litorânea composta por pescadores e demais moradores, como ocorre na história de Reinaldo Santos Neves. O estudo deste efeito de sentido é ratificado por Oziris Borges Filho quando é enfatizado pelo teórico a necessidade nos estudos topoanalíticos de se inventariar e estudar a natureza que é descrita numa obra literária pelos seus diversos efeitos de sentido.

Fomos ao encontro do mar. Sentamos num tosco banco de pau, embaixo de uma castanheira. Petúnia deu um suspiro. Tenho o mar dentro de mim, disse. Sou capaz de entrar nas ondas do mar a qualquer hora do dia ou da noite. Sete mergulhos de dia, sete mergulhos de noite curam qualquer doença, até mau olhado. Sou um pássaro marinho, sou uma gaivota, um mergulhão. O mar é a força total, é o absoluto, é o infinito. (NEVES, 2008, p. 151).

A Manguinhos ficcional de Reinaldo Santos Neves possui paisagem e espaço social por meio de circunstâncias sociais que levaram Graciano a Manguinhos numa ação que deu margem a outras ações do personagem. Este espaço social, segundo Osman Lins, pode ser confundido com a *atmosfera*³³ do local, principalmente quando o livro diz que o espaço é capaz de transformar a vida de quem nele passa. Tratando-se de um trabalho não extenso, o exemplo acima é apenas um entre tantos encontrados em *A ceia dominicana* que justifica a necessidade de mais estudos voltados para os elementos espaciais que se encontram no decorrer das páginas do livro, prevendo-se assim um campo vasto de pesquisas e análises do *topos* literário, tendo em vista o *mix* processual nesta única unidade temática. Sua abrangência pode ser justificada na fala de Pankow que ressalta que o espaço não só faz surgir a fala dos personagens, como contém não só toda a história e os conflitos vividos pelos personagens.

Não deve o estudioso do espaço, na obra de ficção, ater-se apenas à sua visualidade, mas observar em que proporção os demais sentidos interferem.

³³ Atmosfera aqui não tem significado denotativo, mas conotativo.

Quaisquer que sejam os seus limites, um lugar tende a adquirir em nosso espírito mais corpo na medida em que evoca sensações. (LINS, 1976, p. 92)

Ainda sobre a abrangência de estudos sobre o tema espaço, Osman Lins observa que “podemos, com certeza, ir ainda mais longe e afirmar que uma determinada obra enreda-se, não raro, nas demais obras do mesmo escritor.” (LINS, 1976, p. 95). Isto quer dizer que os estudos do espaço não se concentram apenas numa obra, o topoanalista deve conhecer e enveredar-se por outras criações do mesmo autor, como Reinaldo Santos Neves mesmo indica no prefácio de *A ceia dominicana* a origem deste livro, dizendo que inicialmente tratava-se de um capítulo de *As mãos do fogo*, sem esquecer as referências utilizadas para a composição da história, como a intertextualidade com a obra de Petrônio, em *Satiricon*; e inspirações a partir de Horácio, em *Sátiras*; Ovídio, em *Metamorfoses*; e Apuleio, em *O asno de ouro*; assim como Federico Fellini, em *A doce vida*. Todavia, enveredar-se pelos caminhos autorais não significará que haverá um esgotamento temático ou a completude da pesquisa literária. Lins afirma que independentemente da profundidade em que um pesquisador se aventurará no estudo de uma obra, este não passará de sua superfície e não haverá uma decodificação, pois uma obra literária é insondável.

Em *A ceia dominicana* percebemos que há vastidão de significações espaciais em seu contexto literário, tanto que para este trabalho foi escolhido apenas o que chamei de aspectos primários topoanalíticos por considerar esta obra de Reinaldo Santos Neves, que extrapola os limites de uma história local e da sua então condição de literatura capixaba, de valiosa fonte de pesquisa universal para o tema espaço através da sua riqueza de detalhes por vezes heterotópicos³⁴, vezes atópicos³⁵ em seus recortes aparentemente mais superficiais de significação. O livro pesquisado é, portanto, fonte não só primária de pesquisa científica, mas uma grande contribuição como literatura de valor ao dar margem ao interesse pelo seu estudo quanto ao ressurgimento e quanto à continuidade das pesquisas do *topos* literário.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2 ed. São Paulo: Martins Pontes, 2008.

³⁴ As heterotopias são as referências do mundo real, segundo Foucault, que não trazem consolo ao leitor, por não conter a perfeição idealizada pela utopia.

³⁵ A atopia é o meio termo entre a heterotopia e a utopia.

ALMEIDA, João Ferreira de (trad) [1995]. *Bíblia Sagrada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca; São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Colaboração de André Barbault [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva [et al.]. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. *Perspectivas heterotópicas na arte: a reinvenção espacial em Continuidade dos Parques de Cortázar*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_080.pdf>. Acesso em 20 out. 2013.

_____. *O espaço e as configurações da narrativa fantástica: Uma leitura de A invenção de Morel*. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/067.htm>>. Acesso em 06 out. 2013.

GROSSMANN, Judith et al. *O espaço geográfico no romance brasileiro*./ Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993, p. 71-99.

ISER, Wolfgang. *La ficcionalización: dimensión antropológica de las ficciones literárias*. Compilación de textos, introducción y bibliografía de Antonio Garrido Domínguez. Madrid. Arco/Libros, 1997. p. 43-65.

KOOGAN, Abraão; HOUAISS, Antônio. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. 4.ed. Rio de Janeiro: Seifer, 1999.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

NEVES, Reinaldo Santos. *A ceia dominicana: romance neolatino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. *Tertúlia Vídeo*. 2010. Entrevista dada ao site: Tertúlia – Livros e Autores do Espírito Santo I flv. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2JylIe7b5zM>>. Acesso em: 30 set. 2013.

_____. *Tertúlia Vídeo*. 2010. Entrevista dada ao site: Tertúlia – Livros e Autores do Espírito Santo II flv. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OzxybBD-rzE>>. Acesso em: 30 set. 2013.

PANKOW, Gisela. *O homem e seu espaço vivido*. Tradução de Flávia Cristina de Souza Nascimento. Campinas: Papirus, 1988.

PETRÔNIO. *Satiricon*; tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SIMMEL. George. *A filosofia da paisagem*; tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia:press, Universidade da Beira Interior, 2009.